

UMA OUTRA FACE FEMININA: RETÓRICA, ARGUMENTAÇÃO E ETHOS EM ENTREVISTAS DE HILDA HILST

Regiane Raquel de Oliveiraⁱ

Resumo: Entende-se a retórica como uma das mais antigas ferramentas a favor da argumentação ou, como explica Reboul (2004), “a arte de persuadir pelo discurso” (p. 14). Um dos desdobramentos colocados pela retórica é a questão do *ethos*, termo que trabalha o caráter do orador na aquisição da credibilidade. Hilda Hilst, poeta, ficcionista, cronista e dramaturga brasileira, reconhecida pelo seu comportamento “polêmico”, trabalha a argumentação na construção de uma ideia diferenciada do “ser mulher”. Cristiano Diniz (2013) organizou o livro intitulado *Fico besta quando me entendem* que apresenta uma reunião de entrevistas de Hilst e alguns fragmentos das respostas da autora são utilizados como *corpus* para a investigação neste artigo. Portanto, o objetivo deste estudo é analisar como se constrói o *ethos* através do discurso argumentativo em entrevistas de Hilda Hilst, discurso este que acaba por formular uma espécie de “atrevimento” no escrever - e ser - feminino.

Palavras-chaves: *Ethos*. Retórica. Argumentação. Hilda Hilst.

Abstract: The rhetoric means one of the oldest tools in favor of the argument or, as explained Reboul (2004), “the art of persuasion by speech” (p. 14). One of the ramifications posed by rhetoric is the question of *ethos*, classical source term working the speaker's character in the acquisition of the credibility. Hilda Hilst, poet, novelist, columnist and Brazilian playwright, known for controversial behavior, works the argument in the construction of a idea of “being a woman”. Cristiano Diniz (2013) organized the book entitled “I'm dumb folded whenever they understand me” that features a gathering of Hilst interviews and some fragments of the author's responses that are used as *corpus* for research in this article. The aim of this study is to analyze how to build the *ethos* through the argumentative discourse in Hilst interviews, this discourse that ultimately formulating a kind of “boldness” in writing and in the female being.

Keywords: *Ethos*. Rhetoric. Argument. Hilda Hilst.

ⁱ Mestranda em Linguística pela Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL).
E-mail: regianeraquel@gmail.com

Introdução

É evidente que o papel da mulher vem se modificando ao longo do tempo, mas não de forma muito natural. Vê-se, através da história da humanidade, uma luta concreta das mulheres para formular uma nova visão do “ser mulher”, ou seja, foi preciso muito combate e discursos convincentes para que as mulheres ocupassem mais espaço na sociedade e evoluíssem na busca da igualdade dos gêneros.

Muitas mulheres se destacaram ao “ousar” dizer que gostariam de viver ou que viviam de maneira diferente da maioria e travaram embates sociais para que suas vozes fossem ouvidas e difundidas. Moiras, filósofas, sábias, matemáticas, operárias, escritoras, são exemplos de posições ocupadas por mulheres que tiveram suas reivindicações com algum destaque na sociedade e, conseqüentemente, puderam perceber alguma modificação na transformação do seu papel.

Hilda Hilst (1930 – 2004) pertence a esse pequeno grupo de mulheres que formularam pensamentos inovadores em seu tempo com relação ao “lugar feminino” na sociedade. Escritora brasileira reconhecida pela diversidade na construção composicional de seus textos e pela “coragem” de utilizar temas polêmicos, além de um estilo todo particular na escolha lexical, como citou Anatol Rosenfeld, apud Diniz (2013), em 1970, no prefácio de *Fluxo-floema*: “Hilda, como poucos, escreveu notavelmente em três gêneros literários – poesia, teatro e prosa de ficção” (p. 05).

Hilda acabou por construir um lugar privilegiado entre os intelectuais de sua contemporaneidade. Segundo Cristiano Diniz (2013), “Hilda concedeu praticamente uma centena de entrevistas” (p. 05) e algumas delas foram reunidas no livro *Fico besta quando me entendem*. Além de ser renomada pelas suas obras, a autora conquistou um lugar de referência junto a outros nomes respeitados no meio literário. Ela ficou bastante conhecida como uma mulher, acima de tudo, muito inteligente e culta, com uma capacidade notável de formular opiniões respeitáveis.

Essas entrevistas de Hilda podem ser analisadas segundo a retórica, que, segundo Mattoso Camara Jr (2011), seria o estudo da linguagem que focaliza o discurso em sentido estrito, isto é, um ensino normativo para se ‘falar’ em público com o intuito de persuadir outros indivíduos. Assim, a retórica estuda o uso da argumentação na construção de uma “trama” para o convencimento, para a aceitação de uma crença, conforme Reboul (2004).

Desse modo, para Duarte (2010), um discurso argumentativo existe na tentativa de atrair seu interlocutor, “a partir da articulação de meios de ordem racional ou de ordem afetiva” (p. 403), e mais, o discurso, conforme a sua intenção, pode se apoiar em maior parte tanto na razão quanto na emoção. Todavia, a retórica, como explica Reboul, procura destacar o equilíbrio entre os elementos, “pois em retórica razão e sentimentos são inseparáveis” (2004, p.17).

Ainda dentro do estudo retórico, tem-se a questão do *ethos*, palavra de origem clássica dos gregos, que, para Reboul (2004), predomina nas exposições carregadas de afetividade, pois se refere ao caráter do orador, ou ainda, de acordo com Perelman & Olbrechts-Tyteca (2002, p. 363), resume-se “à impressão que o orador, por suas palavras, dá de si mesmo”. Portanto, o *ethos*, a grosso modo, seria a imagem construída - por quem fala - para a efetiva aliciação do interlocutor no uso da argumentação.

Enfim, este artigo tem como propósito analisar, segundo os estudos retóricos, como a escritora Hilda Hilst, em alguns trechos de entrevistas, utiliza a linguagem numa construção diferente do papel da mulher na sociedade e nas relações sociais através da investigação de seu *ethos*.

1. Retórica e argumentação: o poder da “trama” no convencimento

Quando se pensa na utilização ideológica da linguagem, ou seja, com o intuito de persuadir o outro na formulação de um pensamento, não podemos deixar de usar o termo argumentação.

Segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009), a argumentação pode ser definida como a arte ou o efeito de argumentar, isto é, corresponde aos recursos ‘lógicos’ que induzem à aceitação de uma tese e à conclusão de acordo com o argumentador. Assim, argumentar é apresentar fatos, exemplos, ideias, razões, entre outros, na comprovação de uma tese ou declaração.

Pensar a argumentação nos remete à antiguidade clássica, pois foi no contexto da Grécia Antiga em que começaram as primeiras reflexões acerca da arte de bem dizer e convencer. As ciências humanas, nesse período, iniciam suas investigações mais atentas ao ato de argumentar e, ao longo da história, muitos teóricos assumiram a posição de que a argumentação é algo intrínseco à língua. A ação de argumentar é complexa, envolve raciocínio e estratégias

para alcançar o que se pretende, além do conhecimento do auditório, isto é, do público envolvido.

Sendo assim, são muitas as nuances que envolvem a argumentação e a ação de fazer um auditório¹ aderir a uma tese, e é a linguística quem se ocupa de estudar os elementos que constroem a apresentação de ideias com a finalidade de convencer ou levar a crer em algo.

Um dos desdobramentos mais antigos na análise da argumentação é a retórica. Segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009), a retórica seria a arte da eloquência, isto é, a arte de bem argumentar ou arte da palavra. Portanto, a retórica estuda e ensina um conjunto de procedimentos que levam à persuasão.

Mattoso Camara Jr (2011), em seu Dicionário de Linguística e Gramática, descreve a retórica como o “estudo da linguagem greco-latina, que focaliza a atividade literária conhecida como discurso em sentido estrito” (p. 260). Para o autor, a retórica tem uma intenção estilística, ou seja, pretende utilizar recursos, como as figuras de linguagem por exemplo, no ensino normativo do “dizer para convencer”. Portanto, uma disciplina que visa a instrução do falar em público.

A retórica, desde a antiguidade, está unida ao estudo da argumentação, pois a análise retórica pode revelar a ligação existente entre o raciocínio formulado - para levar a uma conclusão - segundo o auditório envolvido.

Não podemos deixar de citar que a retórica é historicamente definida por fases. Na antiguidade clássica temos a abordagem aristotélica do estudo e ensino da argumentação tendo seus primeiros passos na necessidade de se fazer justiça, no argumentar de forma a levar a um veredito. Após perder espaço nas sociedades feudais que privilegiavam a vassalagem, a retórica teve sua fase de decadência restringindo o seu uso mais para a questão da ornamentação e do estilo. Já no século XVII, as ciências humanas viam a retórica como a arte de bem falar ou escrever. Na modernidade, a partir do século XX, os estudos retóricos retomam o fôlego e ressurgem sob o título de nova retórica, tendo principalmente como referência os postulados de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, com a sua obra *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*. Assim, essa abordagem é a que nos interessa nesse estudo,

¹ Entenda-se aqui por auditório, “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar pela sua argumentação” (PERELMAN, 1987, p. 33).

pois são tantas as discussões contemporâneas, que inclusive remontam a importância do *ethos*, que uma abordagem maior seria insensata.

Pierre Guiraud (1956) diz que a retórica seria uma espécie de ciência do estilo, “é a estilística dos antigos” (p.29), portanto, o uso de habilidades verbais na construção de uma “trama” que alcança o outro com eloquência e eficácia. Assim, utiliza-se o termo trama porque remete à ideia de união de elementos, de estrutura formada por “fios” menores, de entrelaçamento na construção de uma “rede”. O próprio significado literal do termo “trama” explica metaforicamente o que é a retórica, pois, ao fazer um tecido, o tecelão cruza fios e acaba por criar uma estrutura concreta maior a partir de pequenos elementos, estes que parecem pertencer a esse todo quase que imperceptivelmente.

Para ilustrar tal imagem, vejamos os enunciados:

(1) Maria precisa de ajuda, pois foi assaltada. Podemos ajudá-la?

(2) Maria foi assaltada e levaram todo o seu salário. Esse mês ela não terá como pagar suas contas. Maria tem 3 filhos e os cria sozinha. Podemos ajudá-la?

Nota-se que tanto em (1) quanto em (2), a intenção de quem fala é buscar ajuda para Maria, mas as razões - para o convencimento - são colocadas de maneiras diferentes.

Em (1) a necessidade de Maria fica explícita tanto quanto em (2) devido a ocorrência do assalto. Porém, ao colocar elementos mais detalhados em (2), como o fato de Maria ter perdido todo o salário, o que já deixa implícito o fato dela ser uma mulher trabalhadora, que honra com os seus compromissos, traz uma representação de uma pessoa merecedora de ajuda, ou seja, não se trata de apenas ajudar, mas de prestar socorro a alguém que sofreu uma injustiça, um infortúnio. Claro que aquele que fala deve ter uma certa credibilidade perante aquele a quem se dirige o discurso, o que trataremos mais à frente na questão do *ethos*.

A intenção das duas proposições é a de obter ajuda para Maria, mas, na (2) subentende-se que o orador precisou explicar os motivos pelos quais a mulher precisa de ajuda. É óbvio que se em (1) o contexto em que Maria vive é conhecido não existe a necessidade de argumentação, mas esse não é o ponto que focamos aqui. A intenção é demonstrar como a argumentação utiliza-se de uma “trama” para levar seu auditório à conclusão de que Maria “merece” ser ajudada.

Em (2) quem fala expõe de maneira quase “novelística”, o que leva à conceituação de “trama” também como obra de ficção, tanto explicitamente quanto implicitamente, o contexto em que se encontra Maria, pois revela fatos da vida dela que apresentam fortes apelos a “lugares comuns” da vida social. O fato de ser “sozinha” e ter 3 filhos pode trazer muitas interpretações, todavia, reforça a não comodidade de Maria diante das dificuldades e, portanto, o “merecimento” da ajuda. Pode-se retirar dessa proposição inúmeras situações pelas quais Maria passou ao longo da vida e, por isso, existe uma aproximação de sentimentos e raciocínios que levam quem ouve a se solidarizar com o que vivencia Maria.

Assim, a “trama” se forma na e pela linguagem, tanto no que é apresentado por fatos concretos e explícitos, mas também pelo que é subentendido. Essa “trama” envolve a argumentação e a retórica, isto é, na colocação da linguagem vê-se a utilização de elementos válidos e eficazes para convencer o outro de que aquela conclusão deve ser admitida.

Conforme Reboul (2004), persuadir “é levar alguém a crer em alguma coisa” (p. 15), assim construir uma “trama” para convencer e mudar ou formular ideias. Ainda para Reboul, essas visões de mundo são construídas e armazenadas com acordos conceituais entre interlocutores, assim ele afirma que a “persuasão retórica consiste em levar a crer, sem redundar necessariamente no levar a fazer. Se, ao contrário, ela leva a fazer sem levar a crer, não é retórica” (p.15). Portanto, a retórica como instrumento a favor da argumentação pretende convencer a partir de elementos que levem primeiro a crer para depois levar a fazer, sem a necessidade da obrigação ou da imposição de uma “verdade”.

Tal concepção de Reboul, isto é, da retórica como uma “trama” que leva a crer, ou seja, no campo das ideias a partir das representações sociais e conceituais, é o caminho que tomaremos para as análises mais adiante.

2. O *ethos* como instância fundamental na argumentação diante de convenções sociais

Não entendendo a retórica como uma arma de manipulação, mas sim como uma “trama” que envolve o outro e leva à mudança de paradigmas, isto é, quando a linguagem se articula na sedução para levar a crer modificando conceitos, a análise com relação ao *ethos* se faz imprescindível.

Para Ruth Amossy (2011), “todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si” (p.09), isto é, ao falar ou escrever, um indivíduo, intencionalmente ou não, faz uma apresentação de si. A essa dimensão Aristóteles, na antiguidade, deu o nome de *ethos*.

O termo *ethos*, na Grécia Antiga, se refere ao caráter moral do orador, o que conduz para a eficácia da persuasão. Esse orador se propõe a exercer esse papel de influência construindo uma imagem de si, juntamente com a argumentação, ou seja, no próprio discurso, na formulação da “trama” no intuito de levar a crer. Para Aristóteles, o poder de persuasão se define no caráter moral que o orador apresenta em seu discurso, assim através da credibilidade que transmite o seu *ethos*.

Roland Barthes (1970) define o *ethos* como “os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão: é o seu jeito [...]. O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: sou isto, não sou aquilo”. Portanto, a imagem do orador possui um papel fundamental no discurso persuasivo.

Para Aristóteles o *ethos*, juntamente com o *pathos* e o *logos*, é um “meio de prova” (Retórica I, p.1356), diferentemente de alguns de seus contemporâneos que não consideravam o *ethos* como relevante para o convencimento. Aristóteles explica as faces que envolvem o *ethos*: as “virtudes morais” e a “dimensão social”. Tanto em uma quanto em outra, para ele, o que se exalta no exercício da palavra não é o indivíduo em si, mas o papel que este desenvolve no próprio discurso.

Através dos pressupostos da nova retórica, Perelman retoma a discussão sobre o *ethos* e o define como “a impressão que o orador, por suas palavras, dá de si mesmo” (1987, p. 363), mas ainda explica que a dimensão do *ethos* passa pela interação que há entre o julgamento que se faz do orador e de seu discurso, pois o orador expõe constantemente suas virtudes e está sempre em um embate através da “trama” formada no exercício da palavra.

Amossy (2011) diz que o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro, isto é, é necessário um envolvimento “afetivo” entre quem fala e quem escuta, pois, como postulava Aristóteles, é preciso a sedução da alma, função que ele considerava tão importante quanto expor os fatos.

Para compreender o *ethos*, é preciso ter em mente que as “paixões”, como já colocava Aristóteles, formam a força necessária para envolver e,

consequentemente, agradar e, assim, ensinar. Então, o *ethos* deve estar de acordo com o seu interlocutor e buscar as “paixões” que devem ser incitadas para a conclusão desejada, pois, a retórica contempla “a arte de achar os meios de persuasão que cada caso comporta” (REBOUL, 2000, p. 24).

Perelman também explica que:

Como o fim de uma argumentação não é deduzir consequências de certas premissas, mas provocar ou aumentar a adesão de um auditório às teses que se apresentam ao seu assentimento, ela não se desenvolve nunca no vazio. Pressupõe um contato de espíritos entre o orador e o seu auditório: é preciso que um discurso seja escutado, que um livro seja lido, pois sem isso, a sua ação seria nula (PERELMAN, 1987, p.29).

Nessa interação que deve existir entre o auditório e o orador está o papel fundamental do *ethos*, pois quando se trata de “acordos sociais”, os ditos “lugares comuns”, a imagem e a credibilidade do orador fará com que o auditório reflita em cima dos argumentos, pois, como já dizia Aristóteles, toda nação venera os sábios. Entendendo sábio como aquele que sabe do que fala, a adesão, como supracitado, pode aumentar na medida em que as paixões são “tocadas”.

Fala-se em convenções sociais, pois, como é premissa desse artigo demonstrar como a escritora Hilda Hilst desenvolve uma nova visão da mulher através do seu discurso, o lugar do *ethos* é relevante. Ao analisar a fala de Hilst, podemos compreender como a imagem formada, através do exercício da sua palavra, incomoda e revela outras possibilidades para o ser feminino e isso só é possível pela eloquência e pela representação que Hilda possui, e tais aspectos trataremos a seguir.

3. O sagrado e o profano de Hilda Hilst: combinação inteligente na ruptura de paradigmas femininos

Hilda Hilst nasceu em Jaú, em 1930, e estudou na faculdade de direito do Largo São Francisco e viveu seus últimos anos, mais de 20, na “Casa do Sol”, chácara próxima à Campinas, em que dedicou plenamente o seu tempo à criação literária. Ganhadora de sete prêmios literários, inclusive com alguns de seus textos traduzidos para o francês, inglês, italiano e alemão. Hilda faleceu em 2004 deixando a imagem de uma mulher de intensa oferta ao mundo do conhecimento, e alternava o seu empenho entre a leitura e a escrita.

Segundo Barros & Borges (2006), a obra de Hilda está dividida entre a prosa, a poesia e o teatro, e “numa mistura muito inteligente, a escritora fala do sagrado e do profano, usa termos medíocres e elevados, tons cômicos e sérios, faz prosa e poesia, podendo alcançar um lirismo transcendental ou um efeito cômico poderoso, sem vulgaridade ou pedantismo” (p.02). Assim, pode-se inferir que Hilda construiu uma imagem de si que ultrapassa a noção de superficialidade, isto é, tem-se em Hilst a representação de uma mulher que fez as suas próprias escolhas e, quando não, “ousou” para chamar a atenção de seu público. Pois, após ter escrito a maior parte da sua obra - já com reconhecimento da crítica -, ela produz quatro livros eróticos na busca de ganhar mais leitores e popularizar a sua escrita.

Como já citado, Cristiano Diniz (2013) organizou o livro *Fico besta quando me entendem – entrevistas com Hilda Hilst*, que compila algumas das entrevistas dadas por Hilda no clímax do interesse por sua obra. Para Diniz, essas entrevistas:

[...] possibilitam enxergar a mestria de Hilda no gênero, pois foi a ocasião em que ela, em grande medida, ajudou na criação e na divulgação de uma imagem que deixou marcas, que ainda ecoam quando seu nome é lembrado. Em outras palavras, uma torrente de afirmações sobre suas “excentricidades” se cristalizou de tal forma que o que vemos se destacar hoje são os mesmos aspectos construídos nos anos 1990: dona de uma inteligência incomum, sem papas na língua, ousada, desconcertante, provocativa e... “louca” (DINIZ, 2013, p. 05)

Portanto, como visto anteriormente, Hilda Hilst possuía uma imagem já difundida na mídia de ser uma mulher “à frente do seu tempo” e dona das “rédeas” da sua vida. Porém, como também colocado antes, o *ethos* é uma noção discursiva, isto é, que se constrói por meio do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior à fala, conforme Amossy (2011).

Em uma dessas entrevistas, Hilda responde entrevista à Clelia Pisa e Maryvonne L. Petorelli da revista “Vozes, escritos do Brasil”, em 1977, sobre a sua infância ao lado da família, principalmente com relação à figura de seu pai. A escritora sempre deixou claro que a sua maior influência foi o convívio com esse homem. Hilda diz: “tudo isso para lhe dizer que em toda a minha vida o que fiz foi procurar meu pai e idealizá-lo. E é sem dúvida por isso que eu nunca me apaixonei de verdade” (HILST, 1977). Inclusive, nesse trecho o entrevistador alerta que os olhos de Hilda estavam sempre embaçados, mas ao mesmo tempo ela sorri, isto é, suas emoções são bem nítidas ao longo do seu discurso. Ao dizer que sempre buscava nos homens o pai, Hilda revela a

sua espontaneidade ao utilizar a idealização da figura paterna como causa e consequência da sua vida amorosa. Hilda não teme revelar essa ligação quase que incestuosa com o pai, o que deveria causar espanto, porém, por sua sensibilidade ao utilizar expressões como “em toda a minha vida” e o verbo “procurar” - unido à idealização - causam uma noção de “esforço” dentro do que parece impossível. Assim, essa “luta” remete também ao fato dela mencionar o nunca se apaixonar de verdade, pois vive na esperança de encontrar algo “proibido”, o que consterna o seu público.

Ainda sobre as relações amorosas, o entrevistador pergunta-lhe sobre o fato dela não conceber a fidelidade e Hilda explica:

É um pouco estranho, mas para mim existe um limite para a duração desse encantamento apaixonado. Um ano e três meses, acho que foi o máximo que conheci. E é terrível, porque, de repente – isso acontece de modo brusco, eu não sinto mais nada... O encantamento acaba. O que o corpo procura é o encontro, essa descoberta inicial, esse olhar inaugural, o primeiro toque, a primeira carícia... E o que vem depois disso não passa de performances que, para mim, são um pouco tristes. Nunca mais vai ser a primeira vez, a segunda vez. O que eu sempre procurei foi esse encantamento: encher os olhos com um rosto e pensar: meu Deus, nessa cabeça existem pensamentos que eu não conheço. Essa cabeça pensa de um modo desconhecido para mim (HILST, 1977)

Assim, Hilda argumenta sobre o porquê de a questão da fidelidade ser tão difícil para ela, isto é, ela utiliza palavras emocionalmente carregadas, como o substantivo “encantamento”, essa repetição sugere fazer com que o seu público compreenda que as suas atitudes não são levianas, mas que ela sente a necessidade de estar constantemente “enfeitiçada” pelo outro, no revelar de seus mistérios. Mais adiante, Hilda revela, no mesmo trecho que antes de ser reconhecida por sua obra, quando estudava Direito, era considerada uma prostituta “só porque eu tinha esse jeito um pouco diferente, que incomodava”, como diz a própria autora. E argumenta que não era uma atitude imprudente, mas, era algo natural, como a escritora expõe: “se eu sentisse vontade de amar um homem, eu falava pra ele. Eu chegava e até ele e dizia: “Escuta, gostei de você”; ou “Eu te adoro. Vamos sair juntos. Quero dormir com você” (HILST, 1977). Nesse sentido, a autora demonstra que não tinha medo de um ponto de vista contrário ao seu, fortalecendo o próprio argumento ao “desdenhar” o opositor quando diz “só porque eu tinha esse jeito um pouco diferente”. O discurso argumentativo de Hilda, ao utilizar, por exemplo o termo “só” (somente) e a expressão “um pouco diferente” traz à tona essa imagem da “não maldade” dos seus atos, como se

fosse leve contrariar a normalidade social de fidelidade e duração nos relacionamentos, o que era extremamente difundido como uma atitude “correta” entre/para as mulheres. Não era um comportamento “aceitável” uma mulher tomar a iniciativa e, principalmente, ter muitos parceiros.

Hilda ainda conta como isso mudou a partir de seu reconhecimento enquanto escritora e “mulher inteligente, culta”: “Depois eu vi a mudança. A partir do momento em que, digamos, comecei a ter um nome, as coisas mudaram. Eu poderia me apaixonar por um leão e falar isso [...] e todo mundo ia achar incrível: ‘Você viu, a Hilda é extraordinária, ela gosta de um leão’”. Nesse mesmo sentido, a argumentação de Hilst trabalha dentro da contraposição com o que dita o senso comum, pois ao utilizar a imagem figurativa do “leão”, ela cria uma analogia com a sua imagem de antes e a posterior, pois, antes ela era a prostituta, agora ela era a mulher extraordinária. Mas, ao descrever esses eventos, a escritora deixa sutilmente subentendido nas suas palavras que tanto antes quanto agora, o seu comportamento era algo inerente dela, do seu jeito, da sua necessidade e, por isso mesmo, escolheu a escrita, para poder expressar persuadindo o seu público a entender que cada um pode ser o que realmente é, sem a interferência das convenções sociais.

Em todo esse processo inferencial, Hilda resgata, através da enunciação, o contexto do papel da mulher no seu tempo e se diferencia quando constrói “uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório” (AMOSSY, 2011, p. 10). Portanto, o seu *ethos* se apresenta nesse conjunto de crenças e hábitos que confrontam com os “acordos sociais” e no papel “honrado” que deve ter a mulher.

Num outro momento da mesma entrevista, Hilda diz a frase: “Tenho horror da expressão ‘meu marido’” (HILST, 1977) ao explicar que não se considera “casada”, mas “amante”, ou seja, refutando o que é esperado de uma mulher da sua época. A palavra “amante” vem sempre seguida do termo “encanto” ou de expressões que se referem a ele, como magia, prazer, descoberta, passionalidade. Hilda argumenta que as pessoas não a entendem, mas que isso é utilizado como combustível para as suas criações literárias. Esses conflitos alimentam a sua escrita, por isso o uso dos palavrões, pois, de alguma forma, eles chamam a atenção para outros termos que são mais importantes, mas não tão assustadores ao ponto de se comoverem.

Em entrevista ao jornal “Folha de São Paulo”, Hilda, em 1999, argumenta que a “emancipação feminina é uma balela” e, ao utilizar essa afirmação, a autora introduz a noção de que as “regras” ou “modinhas” são menores do que o desejo de seguir as próprias emoções. Hilda insiste na afirmação “porque eu quis” ao ser questionada sobre as suas atitudes – como não querer casar, ter filhos, falar sempre de sexo, exaltar o prazer carnal em contraposição com a sua adoração pela religiosidade, morte e Deus.

Ela mesma indica o processo pelo qual o seu *ethos* se estabelece: “Sou alguém sobre quem as pessoas falam, mas meus livros não são lidos”. Esse argumento revela o desejo da dissociação entre o discurso e a imagem pré-estabelecida, o que não nos interessa nesse estudo, mas, no caso de Hilda, esse contexto é muito forte. Contudo, no seu dizer, nas figuras utilizadas por ela, nas repetições que criam esse estilo que passeia entre o clássico e o “chulo”, ou seja, as nuances de seu comportamento diferenciando, ou seja, o seu *ethos* fica evidente e é essencial na conclusão de trazer à superfície uma nova permissão para a mulher.

Considerações finais

Hilda Hilst viveu à frente do seu tempo, ou, como ela mesma disse, “em outro planeta ou em outra dimensão”, pois, era uma constante a sua argumentação na afirmativa de que necessitava do “encantamento” das emoções para ser quem era e para criar. Suas palavras são carregadas de afetividade, até mesmo quando utiliza palavras “grosseiras” para explicar suas escolhas.

Hilda utiliza a linguagem para comunicar de forma eficaz e persuasiva através desse “querer”, desse “seguir a sua própria vontade”, criando a imagem de autenticidade e, assim, envolve, cativa e atinge o seu público despertando a curiosidade para os seus escritos literários – que parece ser a intenção original da autora.

Como ensina Perelman, os argumentos se mostram “tanto sob forma de uma ligação que permite transferir para a conclusão a adesão concedida às premissas como forma de uma dissociação que visa separar elementos que a linguagem, ou uma tradição reconhecida, tinham anteriormente ligado entre si” (1993, p.68). Assim, os argumentos de Hilda diferenciam o seu comportamento do “esperado” e o seu modo de agir, justificando, assim, que a mulher tem vontade própria, deve seguir a sua emoção e não se submeter às

convenções sociais, não de forma a seguir preceitos, como os da teoria feminista, mas porque ela mesma sente que deve ser assim. Hilda também se alimenta da negação de sua própria imagem “feminista” para chamar a atenção para o seu caráter “diferenciado”, mas não menos virtuoso e autêntico por não se “converter” às convenções sociais. Assim, Hilda ataca a identidade que ela mesma cria na intenção de convencer com a imagem de uma mulher que apenas segue o que dita as suas emoções.

Para tanto, o *ethos* nas entrevistas de Hilda Hilst possui uma relevância fundamental e se constrói no seu discurso através de exemplificações, comparações e no descrever da sua trajetória como filha, mulher, cidadã e escritora. Hilda remonta seu comportamento de maneira natural, simples, não como algo a ser seguido, mas na defesa de cada um ter o poder de ser quem realmente é e agir como “acha que deve”. Ela ainda refuta regras que nos levam a refletir sobre a subjetividade do ser humano, da singularidade da mulher e das lutas travadas por igualdade ao longo da história. Essa imagem de alguém que só quer escrever para ser amada, mesmo sem ser entendida, traduz a alma da sua obra: um passeio completo por todas as dimensões humanas.

Enfim, Hilda Hilst constrói uma imagem de si, apoiada em seu discurso argumentativo e retórico, como uma mulher que segue os seus desejos e insiste em difundir a poesia enquanto meio de expressão de seus anseios não saciados no convívio social. Ao utilizar argumentos que reforçam a ideia de uma não “ousadia”, mas de uma espontaneidade intrínseca, Hilda quebra com os paradigmas femininos, como o da mulher como esposa e mãe, também escandalizando, mas chamando a atenção para o que realmente quer difundir: o prazer de ser quem se é, sem interferências e, conseqüentemente, tendo sua obra consumida.

Referências

AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Trad. Antonio P. Carvalho. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.

BARROS, Luisa da Rocha; BORGES, Julia. **Temas e figuras em “Bufólicas”**. Estudos Semióticos, Número 2, São Paulo, 2006. Disponível em <www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Acesso em 24/11/2015.

DUARTE, Vitor Ricardo. **Argumentação e retórica como ferramentas intelectuais e seu lugar no ensino**. Anais do SITED, Porto Alegre, 2010. Disponível em <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sited/arquivos/VitorRicardoDuarte.pdf>>. Acesso em 24/11/15.

GUIRAUD, Pierre. **La estilística**. Edición de Raúl H. Castagnino. Traducción: Marta G. de Torres Agüero. 5. ed. Buenos Aires: Editorial Nova, 1956.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MEYER, Michel. **A unidade da retórica e seus componentes: éthos, páthos, logos**. In: MEYER, M. A retórica. São Paulo: Ática, 2007.

PERELMAN, Chaïm. **Argumentação**. In: Enciclopédia Einaudi vol.11 Oral/Escrito Argumentação. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987.

PERELMAN, Chaïm. **O império retórico: retórica e argumentação**. Tradução de F. TRINDADE; R. A. GRÁCIO. Porto: Ed. ASA, 1993.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-Tyteca, Lucie. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. Tradução de M. E. GALVÃO. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Forma de citação sugerida:

OLIVEIRA, Regiane Raquel de. Uma outra face feminina: retórica, argumentação e *ethos* em entrevistas de Hilda Hilst. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 11, p. 103-116, jan/jun.2016.

Recebido em: 27/04/2016

Aprovado em: 12/06/2016